

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ESTÉTICA III

2º Semestre de 2015

Disciplina Optativa

Destinada: alunos de Filosofia e de outros departamentos

Código: FLF0465

Pré-requisito: FLF0113 e FLF0114

Prof. Dr. Léon Kossovitch

Carga horária: 120h

Créditos: 06

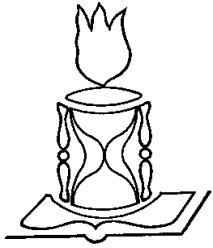
Número máximo de alunos por turma: 80

I – OBJETIVOS

Análise histórica de regimes artísticos, seja no plano da abrangência, seja no da especificação, em que a obra escrita e pictórica de Edvard Munch opera como exemplo moderno.

II – CONTEÚDO

1. A categoria de exterioridade no cotejo de artes que se excluem, umas como estabelecimentos, outras como destruidoras de suas regulamentações;
2. A descontinuidade como conceito configurador da oposição de um dentro a um fora, do territorial e da extraterritorialidade, em que o homogêneo e o quantitativo são noções relevantes.
3. O exterior como que, irredutível, investe contra o estabelecido, ao qual expõe como a suficiência de uma interioridade;
4. A diversidade temporal e modal no cotejo do territorial e do seu oposto: dispersão, escape e ruína qualificam o exterior que se lança contra a coesão, o cerco e a conservação do interior;



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

5. A longa duração da figuração helênica não é excludente de outra, também extensa, a oriental que se acresce a ela a partir do século II a. C., embora suprima a precedente, a faraônica e suméria, dominante até Alexandre;
6. A exterioridade ora se infiltra aos poucos, ora se precipita como nos cinquenta anos que antecedem e sucedem 1900 em ataques que afetam os territórios assim que traçados;
7. Ora passando pelo estabelecido, Cézanne, Seurat, ora referindo-se ao que o precede, VanGogh com Millet superando Manet, Gauguin com a pintura faraônica, na Polinésia, não territorializam a pintura;
8. A exterioridade em relação à arte fauve e cubista que o próprio Derain inaugura, implica a mirada a um além, o que também se vê em Carrà quanto ao futurismo italiano, em Duchamp no dadaísmo, em Dix, Grosz, Beckmann já separados do expressionismo;
9. Os pequenos escritos e as anotações de Edvard Munch e a difícil inscrição destas em campo determinado de referência;
10. A pintura de Munch em suas relações históricas com o realismo e o impressionismo: o sentido instrumental dessas artes em seu percurso.

III – MÉTODO UTILIZADO

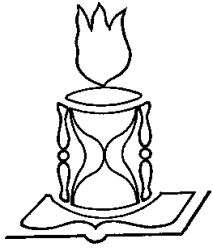
Aulas expositivas

IV – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Trabalho a ser apresentado no final do curso.

V – BIBLIOGRAFIA

J. Charbonneaux, R. Martin, F. Villard. *La Grecia Ellenistica*, Milano, 1985.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

M. Ghirshman, *Arte Persiana. Parti e Sassanidi*. Milano, 1962.

A. Grabar, *L'Âge d'Or de Justinien*, Paris, 1967.

M. & C. Blunden, *Journal de l'impressionisme*, Genève, 1970.

J. Rewald, *Post-Impressionism*. New York, 1956.

V.V. A.A., *Cézanne. The Late Work*, New York, 1977.

V. Van Gogh, *Cartas a Theo*, Barcelona, 1972.

A.M. Damigella, *Gauguin*, Paris, 1997.

W-D Dube, *Journal de l'expressionnisme*. Genève, 1983.

G. Diehl, *Derain*, Paris, 1975.

P. Bigongiari, *Carrà*, Milano, 1970.

E. Karcher, *Otto Dix*, Köln, 2010.

G. Grosz, *Um pequeno sim e um grande não*. Rio de Janeiro, 2001.

J.-L. Daval, *Journal des Avant-Gardes*. Genève, 1980.

R. Heller, *Munch*, Paris, 1991,

E. Munch, *The Private Journals*, Wisconsin, 2005.